A LITERATURA INDÍGENA NA FORMAÇÃO DE UMA MEMÓRIA COLETIVA INTERCULTURAL NO CONTEXTO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM RORAIMA

Laura Juliana Neris Machado Barros
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0136-7571
Endereço eletrônico: laurajuliananeris@gmail.com

Carmem Véra Nunes Spotti
Universidade Estadual de Roraima, Boa Vista, Roraima, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000.0003.4102.9726
Endereço eletrônico: carmem.spotti@uerr.edu.com

Palavras-chave Educação intercultural; literatura indígena; memória; Cristino Wapichana; Roraima.

INTRODUÇÃO

Em Boa Vista, capital do estado de Roraima, a memória coletiva, fomentada pelos monumentos e outras fontes históricas espalhadas pela cidade, apresenta um silenciamento e um apagamento das culturas e histórias indígenas, mesmo sendo esse o estado que possui a maior população indígena do Brasil, em proporção ao número de habitantes. Faz parte dessa população a etnia Wapichana, que junto aos outros povos tem resistido e lutado por seus direitos.

Cristino Wapichana é um dos grandes representantes da sua etnia, um multiartista indígena roraimense reconhecido, principalmente, pela sua escrita. Seus livros permitem acessar as memórias ancestrais e conhecer os saberes que educam e guiam os povos indígenas. Eles apresentam as memórias do escritor e, a partir de sua dedicação e pesquisa coletiva, as memórias do seu povo: os Wapichanas, além da memória de povos que já não existem, mas que deixaram seus ensinamentos eternizados por meio das palavras.

Assim, pode-se afirmar que há muitos recursos para o registro da memória coletiva e

para o fomento dela, no que tange as instituições escolares. Nesse contexto, no âmbito da educação infantil e do ensino fundamental anos iniciais, a literatura indígena é um desses recursos, pois é rica em livros de escritores indígenas, como Cristino Wapichana. Ao abordar a cultura indígena, revitaliza histórias orais, registrando contos e mitos, passados de geração a geração. Em diálogo com Thiél (2013) ressaltamos que a literatura indígena é aquela de produção indígena realizada segundo as modalidades discursivas que lhes são peculiares.

Nessa perspectiva, realizamos uma pesquisa ação, entre os anos de 2020 a 2021, que teve como resultado a dissertação, defendida no Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade Estadual de Roraima, cujo título é o mesmo deste resumo. Nesse estudo a literatura indígena foi aborda como um dispositivo importante para a promoção de uma educação intercultural (Candau, 2012) e a re/construção de uma memória coletiva na perspectiva da interculturalidade. O objeto de estudo foi a interculturalidade presente nas obras do escritor roraimense Cristino Wapichana. O objetivo geral da pesquisa foi analisar como a literatura indígena contribui para a formação de uma memória coletiva intercultural no contexto dos anos iniciais do Ensino Fundamental em escolas de Roraima. A justificativa baseia-se na necessidade de romper com visões estereotipadas e eurocêntricas, atendendo aos marcos legais da educação brasileira, como a LDB 11.645/08, que torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena nas escolas regulares.

METODOLOGIA

Esse estudo utilizou uma abordagem qualitativa fundamentada na metodologia de pesquisa-ação, norteada por revisão bibliográfica e análise documental (Severino, 2007) e de conteúdo (Bardin, 2011). O *locus* da pesquisa foi o Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal de Roraima (UFRR), envolvendo 25 alunos do 2º ano do Ensino Fundamental. Foram realizadas sete oficinas literárias online, organizadas em 4 (quatro) grupos de até sete alunos, via plataforma Google Meet, devido ao distanciamento social da pandemia de COVID-19. A mediação pedagógica baseou-se na Estética da Recepção (Araújo; Silva, 2015), focando na interação entre o leitor e a obra para transformar horizontes de expectativa. Foram analisados cinco livros de Cristino Wapichana: *A boca da noite*, *O cão e o curumim*, *A cor do dinheiro da vovó*, *Sapatos trocados* e *Ceuci, a mãe do pranto*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados produzidos nas oficinas revelaram que a literatura indígena permite às crianças o encontro com o outro, promovendo o reconhecimento e a valorização das diferenças culturais. As discussões mostraram que os alunos relacionaram as narrativas indígenas com seus próprios conhecimentos prévios (como aulas de Ciências e experiências familiares) e foram capazes de romper com estereótipos iniciais. As ilustrações dos livros do Cristino Wapicha mostraram-se fundamentais na recepção estética, auxiliando na compreensão de elementos temporais e culturais complexos que o texto verbal nem sempre explicita. A produção coletiva de uma história temática indígena, com ilustrações feitas pelas crianças, demonstrou que os alunos integraram saberes ancestrais Wapichana às suas memórias individuais, exercitando a alteridade. Como limitação, registrou-se a instabilidade da internet em Roraima, o que dificultou a fluidez de alguns encontros remotos.

Acredita-se que, por meio da literatura indígena, nesse trabalho intercultural, fomentaram-se memórias individuais interculturais, ou seja, lembranças que se fazem a partir da construção de uma memória coletiva intercultural. Isso foi evidenciado na produção escrita, intitulada *Daniel e Juliana: uma aventura no passado* e nas ilustrações feitas pelas crianças.

A noção temporal dos discentes sobre presente, passado e futuro e a memória dos mesmos sobre o que mudou e permaneceu nas vivências dos povos indígenas fica evidente na construção de toda história. A partir do enredo baseado numa viagem no tempo, eles diferenciam o que é próprio dos viajantes que vivem no presente, seu contexto, e o que faz parte do contexto para onde eles vão através da máquina do tempo.

Outro ponto que chamou atenção na narrativa é que, embora os textos base das oficinas tenham sido escritos por uma pessoa da etnia Wapichana e abordarem vivências desse povo, as crianças criaram uma história sobre os povos Yanomami, reportando-se ao que aprenderam sobre outras etnias de Roraima nas aulas de história e geografia propiciando, também, a interdisciplinaridade.

As crianças também apresentaram referências de leituras de outros livros de literatura indígena e de suas vivências pessoais. O pássaro, que é dos personagens, foi inspirado na história “O pássaro encantado” de Eliane Potiguara, livro de literatura indígena trabalhado em

meados do ano letivo, antes das oficinas. Instrumentos mágicos, que ajudaram a acabar com a guerra retratada na narrativa, foi inspirada no filme *Shazam*, de *David F. Sandberg*, e em outros super-heróis de quadrinhos com histórias adaptadas para o cinema, que elas tinham acesso. A escolha de personagens crianças e outros elementos foram inspirados nos livros trabalhados nas oficinas.

Nesse ponto, pode-se identificar um pouco do que fez parte da pré-figuração (Ricouer, 1994) feita pelas crianças, na qual ativaram suas memórias individuais para a configuração de uma história que apresenta a diversidade de referências que eles têm a partir de suas vivências e leituras diversas.

Analisando os desenhos, observou-se a forma como as crianças configuraram os viajantes do tempo. Em uma das imagens fica nítida a compreensão das mudanças culturais pelas quais muitos povos indígenas passaram, pois, o bisavô foi representado com trajes tradicionais, enquanto os bisnetos, vindos do futuro, usam vestimentas comuns as suas e as das crianças de seu convívio.

Assim temos, em diálogo com Araújo (2019, p. 48) que "a memória coletiva se fortalece com a ligação entre os membros de um grupo, com as interpretações do passado e com os valores de pertencimento daquele grupo, ao que se pode chamar de característica intrínseca do homem". A ligação proporcionada nas oficinas foi entre crianças não indígenas com crianças indígenas, vivendo em diferentes contextos imaginativos, e nessa conexão entre realidade e ficção, interpretou-se o passado a partir das identidades pulsantes nas páginas dos livros e fora deles.

CONCLUSÕES

A pesquisa traz como considerações iniciais, que a literatura indígena é um bem incompressível (Candido, 2011) essencial para a efetivação da Educação Intercultural. Ela atua como um instrumento de resistência e visibilidade para as identidades indígenas, permitindo que a escola deixe de ser apenas um aparelho de reprodução de culturas dominantes. O papel do professor como mediador literário é reafirmado como determinante para fomentar o respeito à diversidade e construir uma memória coletiva intercultural, que valorize os saberes tradicionais no contexto escolar regular, rompendo com as estruturas de poder e os saberes impostos desde a colonização.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. C. L.; SILVA, M. V. **A Estética da Recepção e sua aplicabilidade pelo Método Recepcional.** Revista FronteiraZ, 2015.

ARAÚJO, Maria do Socorro Melo. **Estudo toponímico antropocultural de Uiramutã** – Roraima. Araraquara - SP, UNESP, 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edições 70, 2011.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação e direitos humanos. Campinas: **Revista Educação e Sociedade**, v. 33, n. 118, p. 235-250, 2012.

CANDIDO, A. **O direito à literatura.** In: Vários Escritos. Ouro sobre Azul, 2011.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa (Tomo 1)**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** Cortez, 2007.

THIÉL, J. C. **A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural.** Educação & Realidade, 2013.